



SERIEDADE NA PALAVRA

**CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA**  
**MÓDULO I**  
**1º SEMESTRE DE 2015**

**HOMILÉTICA**

***PR. NATHANAEL RINALDI FILHO***

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	3
1. DEFINIÇÃO DE TERMOS .....	4
2. HOMILÉTICA.....	5
3. HOMILÉTICA E ELOQUÊNCIA.....	6
4. ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO .....	8
5. NÍVEIS DE LINGUAGEM .....	9
6. EXPOSIÇÃO DO SERMÃO.....	10
7. ESTRUTURA DO SERMÃO .....	11
7.1 TÍTULO .....	11
7.2 TEMA .....	11
7.3 TEXTO .....	11
7.4 INTRODUÇÃO .....	12
7.5 TESE .....	12
7.6 ARGUMENTAÇÃO OU ASSUNTO .....	12
7.7 CONCLUSÃO .....	12
7.8 CONVITE OU APELO.....	13
7.9 DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO.....	13
8. TIPOS DE SERMÃO .....	13
8.1 SERMÃO TEMÁTICO .....	13
8.2 SERMÃO TEXTUAL .....	15
8.3 SERMÃO EXPOSITIVO .....	17
9. ERROS COMUNS NA ATIVIDADE DA PREGAÇÃO .....	18
9.1 NÃO SE PREPARAR PARA A MENSAGEM.....	19
9.2 MENSAGEM SEM UM CENTRO.....	19
9.3 MENSAGEM MUITO LONGA.....	19
9.4 DESRESPEITAR HORÁRIOS .....	20
9.5 MAIS ALGUNS CUIDADOS QUANDO PREGAR.....	20

# HOMILÉTICA

## INTRODUÇÃO

Jesus disse: “*Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura*” (Marcos 16.15). Esta foi uma das principais tarefas deixadas pelo Senhor à sua Igreja. Somos chamados a proclamar ao mundo a salvação de Deus.

De certo modo, podemos fazer isso de forma natural, sem ter necessidade de ser auxiliado por qualquer tipo de conhecimento técnico. Todavia, quando se trata de um discurso público, em que estaremos entregando a mensagem de Deus a uma audiência específica, cabe-nos fazer da maneira mais eficaz possível, visando fixar nos nossos ouvintes a referida mensagem. Para isso, vale-nos utilizar da HOMILÉTICA, ou *a arte de fazer homilia*.

Toda ação a ser realizada pode ser feita de diversas maneiras. Algumas são totalmente erradas; outras, ainda que não completamente, contêm elementos que não são aprováveis ou louváveis. Dentre as maneiras corretas existem muitas, e nosso compromisso é buscar maneiras cada vez mais eficazes de realizá-la. Ao expor uma palavra em uma reunião pública, podemos fazer isso de muitas maneiras diferentes.

Se buscamos, porém, a eficácia, não nos contentaremos com formas confusas, vazias e ambíguas de apresentar nosso sermão. Queremos que as pessoas tenham a sua atenção presa. Queremos que elas de fato se interessem por aquilo que está sendo dito. Por isso, não só o que dizemos, mas a forma como dizemos, é importante.

Não precisamos de muito esforço para saber que a clareza é melhor que a imprecisão, que algo dito de modo criativo é melhor do que algo dito de modo banal. A estética não é o principal, mas nem por isso deixa de ser importante.

Tomemos a própria Bíblia e teremos um claro exemplo disso. Nela temos diversas pregações e proclamações proféticas. A maioria delas era feita de uma forma poética, ritmada, harmoniosa. Muitos profetas bíblicos podem facilmente concorrer com os maiores poetas da história. Os sermões de Moisés, no livro de Deuteronomio, possuem uma beleza e uma harmonia toda especiais. Não é porque algo é belo que é verdadeiro. Não é porque é verdadeiro que não precisa ser belo. A beleza, a clareza e a ordem não são as únicas coisas que bastam em um sermão, mas nem por isso são dispensáveis.

A Homilética é uma ferramenta. Ela se destina a facilitar a exposição da mensagem, fornecendo um método, isto é, um caminho por onde um determinado conteúdo pode ir do emissor para o receptor sem ruídos. Na verdade ela apresenta caminhos diferentes para variados tipos de mensagem e público. Estabelece certas regras, corrige certos vícios e propõe certas ações na exposição que ajudam o preletor a dizer o que precisa ser dito.

Como toda ferramenta, é preciso tempo e continuidade para se aprender a usá-la. As primeiras experiências nem sempre são bem sucedidas, e muitos acabam se sentindo engessados em sua exposição. Isso é normal. Com o passar do tempo, verifica-se que é um instrumento muito útil de ordenação do pensamento. Ter uma mensagem é uma coisa. Ter um esboço, um roteiro através do qual a mensagem vai fluir do meu coração para o coração do meu público é outra coisa. Não dispensemos a ferramenta. Ela não é tudo, mas é importante. Na verdade, muito importante.

A Homilética evangélica geralmente procura ir além de uma mera exposição das formas do sermão. Pretende orientar todos os aspectos que envolvem o pregador em seu trabalho de preparar e transmitir sua pregação. Há muita coisa envolvida, desde o seu comportamento no púlpito até seu caráter. Tudo isso precisa ser levado em conta. Muita

coisa que em um primeiro momento pode parecer sem importância, se mostrará indispensável com o passar do tempo. Vale a pena deixar registradas as palavras de John Stott, que se encontra no livro *Cristianismo Equilibrado*:

Esta combinação verdadeira de intelecto e emoção deveria ser visível, tanto na pregação como na compreensão da Palavra de Deus. Ninguém expressou isto melhor do que o Dr. Martyn Lloyd Jones, que bem define o que é pregação: *“Lógica em fogo! Razão eloquente! São contradições? Claro que não! Razão acerca da verdade tem de ser poderosamente eloquente, como você pode verificar no caso do apóstolo Paulo e de outros. É teologia em fogo. E uma teologia que não traz fogo (eu afirmo), é uma teologia defeituosa. Pregaçãõ é teologia vinda através de um homem em fogo”* (Preaching and Preachers, Hodder & Stoughton 1971, p. 97).

## 1. DEFINIÇÃO DE TERMOS

O convívio social, que levou o homem a inventar a palavra e a frase, produziu também a conversa ou conversação, isto é, a troca de palavras. Os gregos davam à conversa o nome de *homilia* (de onde nos veio à palavra Homilética) e os romanos a chamavam de *sermonis* (de onde nos veio sermão).

A filosofia grega é tradicionalmente considerada a base do pensamento ocidental, tanto pelas questões teóricas como pelas questões éticas que colocou. O pensamento racional surgiu dentro do quadro histórico da constituição da pólis grega. Na pólis, os homens agiam dentro de assembleias, fazendo uso das palavras para convencer e compreender uns aos outros. A palavra valia pelo que expressava, pela sua força persuasiva, não estando mais presa a uma ‘rede simbólico-religiosa’. Foi nesse ambiente que encontramos vestígios do discurso, ou seja, a alteração da intensidade da voz para se comunicar com um grupo de pessoas.

Não havia entre os gregos, que inventaram a retórica, e os romanos, que a aperfeiçoaram com o nome de oratória, a aplicação da Homilética à religião. Isso porque os antigos não sentiam a necessidade de pregar a fé, de divulgar seus conceitos religiosos ou de fazer da religião uma matéria de comunicação social.

Até mesmo entre os israelitas, de quem o apóstolo Paulo declara: *“...dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas”* (Romanos 9.4), não havia a preocupação de comunicar a verdade eterna de Deus a outros povos. Isso não quer dizer que não houve grandes pregadores entre o povo de Deus.

Embora no Antigo Testamento não houvesse nenhum tipo de discurso formal e, certamente, nada estilizado, os discursos espirituais são abundantes. As palavras proferidas por Moisés têm forma genuinamente homilética. O discurso de despedida de Josué, nos capítulos 23 e 24 de seu livro, a eloquência de Davi na adoração e no louvor a Deus, e as palavras de Salomão na ocasião da dedicação do templo, são exemplos de discursos persuasivos.

A era da graça colocou a pregação em especial relevo. João Batista, como arauto, é o ancestral de todos os pregadores do evangelho. Ele preparou o caminho para o advento do Mestre através da pregação, como está escrito: *“Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados”* (Marcos 1.4). É ele quem faz a ponte entre o Antigo e o Novo Testamento.

Jesus, o exemplo a ser seguido por todos os seus discípulos, pregava! Ele começou pregando a boa-nova da chegada do Reino de Deus (Marcos 1.14-15) e fez da proclamação o centro de sua missão. Ele pregou durante toda sua vida, pregou até pendurado na cruz, e

depois de ressurreto continuou a pregar. Durante todo seu ministério, Ele não apenas pregou, mas ordenou que seus discípulos pregassem: *“Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, e em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém”* (Lucas 24.45-47). Esse é o manancial de toda pregação cristã.

O Cristianismo foi, na verdade, o primeiro a se ocupar com o estudo da comunicação da Palavra de Deus além de suas fronteiras, e por esse motivo, com o passar do tempo, esse termo adquiriu a significação de “discurso religioso”. Nos primeiros séculos da Era Cristã, o termo Homilética era caracterizado como a ciência que se ocupa com a pregação e, de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida. Dessa forma, a Homilética passou a fazer parte da teologia prática.

A Homilética nasceu quando os pregadores cristãos começaram a estruturar suas mensagens, seguindo as técnicas da retórica grega e da oratória romana. Enquanto a retórica e a oratória são sinônimos utilizados para identificar o discurso profano, a Homilética identifica o discurso sacro, religioso, cristão. Pregador é a tarefa principal da Igreja, e a pregação bíblica tem ocupado lugar de destaque na igreja evangélica, uma vez que a Igreja foi organizada como instituição especial, tendo a pregação como sua principal missão. Por essa razão, é impossível o cumprimento de tão elevada missão sem o devido preparo.

## 2. HOMILÉTICA

John Stott<sup>1</sup>, baseado nas palavras do apóstolo Paulo em sua carta aos Coríntios, afirmou: *“O pregador é um despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja, da auto-revelação que Deus confiou ao homem e é preservada nas Escrituras”*. Isso quer dizer que o pregador assume uma enorme responsabilidade diante das pessoas, pois ele estará falando em nome de Deus.

Jesus, como nosso modelo a ser seguido, foi um pregador itinerante. Seu púlpito era quase sempre improvisado: um monte, a popa de um barquinho, o alto de uma pedra, a casa de amigos, ou mesmo a tribuna de uma sinagoga. Ia de vila em vila, de aldeia em aldeia, e de cidade em cidade. Sua maneira de falar atraía após si multidões para ouvir seus sermões cheios de graça e de autoridade (Mateus 12.23; 13.2; 14.4; 14.19; 15.10; 17.14; 20.29; 21.8).

Cumprida sua missão redentora na terra, seguiram-no na pregação os seus discípulos. É notável que a pregação foi a principal responsável pelo sucesso, crescimento e extensão da Igreja Primitiva. O estudo da Homilética é uma bênção a todos quantos desejam dedicar-se à comunicação da Palavra de Deus. Através do conhecimento desta disciplina chegamos à compreensão de que a chamada para pregar é um grande desafio. O Senhor não nos chama somente para pregar ao povo. Ele nos chama também para viver com o povo.

Quem deseja ser pregador da Palavra tem que se deixar ser moldado por ela. É um imperativo que se pregue não apenas com vida, mas com a vida, pois o pregador que não viver o que prega precisa calar-se e viver antes de falar. A vida do pregador fala tão alto que os ouvintes não conseguem ouvir somente suas palavras. Se a mensagem proferida no altar não pode ser confirmada com seu modo de vida, jamais alcançará seu objetivo. A verdade bíblica não pode estar divorciada da vida; cada pregação precisa objetivar uma ação.

Se a igreja cristã quiser manter um testemunho ativo nesta geração e se os crentes em Cristo desejarem crescer e tornar-se cristãos maduros e eficientes, então é da maior

---

<sup>1</sup> *O Perfil do Pregador*, São Paulo, Sepal, 1989, p. 20.

importância que os pastores, mestres e outros líderes providenciem para o seu povo o “leite sincero da Palavra” mediante mensagens centralizadas na Bíblia e dela derivadas.

A finalidade da pregação não é agradar aos homens, mas ao Senhor. Daí chegarmos à conclusão de que a Homilética não é um fim em si mesma, mas o meio pelo qual o pregador deve se orientar na dissertação de suas prédicas, colocando os recursos homiléticos, e todos os demais, a serviço do Senhor da pregação.

Existem alguns cuidados que devem ser cultivados pelo pregador e aplicados à sua vida, como requisitos mínimos para o ministério. O gabinete de estudo deve ser o seu recinto secreto, o altar da oração, o lugar da comunhão com Deus. A pobreza espiritual de muitas pregações resulta da falta desta disciplina espiritual.

A superficialidade é a maldição do nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é o principal problema espiritual. A necessidade desesperada de hoje não é a de um número maior de pessoas inteligentes, nem de pessoas talentosas, mas de pessoas com profundidade.

Não devemos ser levados a acreditar que a Homilética seja apenas para os gigantes espirituais e, por isso, está fora de nosso alcance. Longe disso! A graça de Deus é imerecida, mas se em algum momento tivermos expectativas de crescer na graça, precisamos pagar o preço.

Jesus Cristo prometeu ser nosso Mestre e Guia sempre presente. Não é difícil ouvir sua voz, não é difícil entender sua orientação. Podemos confiar em seus ensinamentos. Ele ressuscitou e continua trabalhando em nosso mundo, não está ocioso. Ele está vivo, entre nós, como Sacerdote para nos perdoar, Profeta para nos ensinar, Rei para governar sobre nós, Pastor para nos guiar. O mundo em que vivemos está faminto de pessoas genuinamente transformadas. Leon Tolstói observa: *“Todo mundo pensa em mudar a humanidade; ninguém pensa em mudar a si mesmo”*.

O propósito da pregação é a transformação total do ser humano. Ela almeja substituir os antigos e destrutivos hábitos de pensamento por hábitos novos, que geram vida. A transmissão da mensagem tem que ser tão excelente, que aquele que ouviu pode até não concordar, mas dá mão à palmatória sabendo que os argumentos foram bem elaborados e o que foi dito foi criteriosamente pensado. O apóstolo Paulo afirma que somos transformados pela renovação da mente (Romanos 12.2). Paulo pregou no areópago e alguns discordaram, alguns concordaram, alguns ficaram em suspense esperando maiores informações para que tomassem decisão. O bom pregador é aquele que, como Jesus, ao levantar sua voz às multidões, termina dizendo o que disseram de Cristo: *“Jamais alguém falou como este homem”* (João 7.46).

### **3. HOMILÉTICA E ELOQUÊNCIA**

As palavras são sementes que, bem-semeadas, retornam a quem plantou trazendo farta e alegre colheita. Elas têm poder, têm força. Deus criou todas as coisas mediante sua palavra: *“E disse Deus: Haja luz; e houve luz”* (Gênesis 1.3). Jesus curou muitas vezes apenas com uma ordem: *“E, eis que veio um leproso, e o adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo. E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero; sê limpo. E logo ficou purificado da lepra”* (Mateus 8.2-3).

Salomão escreveu sobre a palavra dizendo: *“As palavras suaves são favo de mel, doces para a alma, e saúde para os ossos”* (Provérbios 16.24). Ela edifica, renova os ânimos, traz alívio e consolo. Muitas vezes estamos abatidos e desanimados, mas uma palavra certa que lemos ou ouvimos pode mudar nosso humor completamente.

Com extraordinário poder de sustentar, elevar a auto-estima e o amor-próprio de uma pessoa, pode não só atingir como revelar o que há de mais profundo na alma de alguém. O profeta Isaías disse: *“O Senhor Deus me deu uma língua erudita, para que eu saiba dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado”* (Isaías 50.4).

A alma pode ser tocada e curada através da palavra. Ela é um instrumento e, como tal, tanto pode ser usada para o bem quanto para o mal. Ela tem poder de destruir, arruinar, deprimir, de causar toda sorte de dor à alma de alguém, podendo deixar marcas profundas. Palavras duras despertam raiva levando a atitudes de rebeldia: *“A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”* (Provérbios 15.1).

Jesus nos chama a atenção para termos cuidado com cada palavra que sair de nossa boca, porque Ele sabe a força que ela tem: *“Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem não de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado”* (Mateus 12.36-37).

O poder da palavra é realçado em várias passagens das Escrituras. Em uma delas, Jesus mostra isso com muita ênfase. Quando seguia em direção a Jerusalém com seus discípulos, Ele passou por uma figueira que não tinha frutos e a amaldiçoou dizendo: *“Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente”* (Mateus 21.19). Ele sabia que não era tempo de dar fruto, portanto compreendemos que não havia intenção simplesmente de castigar a figueira e sim de demonstrar a força e o poder que há no que se diz.

O sermão visa o convencimento dos ouvintes, por isso está diretamente ligado à fala, às palavras, à eloquência. Como é pela voz que se faz compreender, é preciso que ela seja clara e delicada. As palavras esclarecem, orientam e movem pessoas.

Registramos aqui um conselho de quem foi considerado o maior orador romano<sup>2</sup>: *“É preciso evitar duas distorções: uma, dar por conhecidas as coisas desconhecidas, fazendo afirmativa arriscada; quem quiser evitar tal defeito – e nós todos devemos querer – dará à análise de cada coisa o tempo e cuidado necessários. Outro defeito incide em colocar muito ardor e muito estudo nas coisas obscuras, difíceis e desnecessárias. Esses dois defeitos, se evitados, só merecem elogios pela aplicação e trabalho que dedicamos às coisas honestas e, ao mesmo tempo, úteis”*.

O orador que consegue mover as pessoas, persuadindo-as a acatarem suas palavras, é eloquente, pois a eloquência é a capacidade de persuadir pela palavra. Existem várias maneiras de fazer alguém acatar uma ordem:

- a) pela força moral (princípios e doutrinas) – regras fundamentais;
- b) pela força social (costumes, normas e leis) – o direito;
- c) pela força física (braços e armas) – a guerra;
- d) pela força pessoal (exemplo) – influência psicológica;
- e) pela força verbal (falada ou escrita) – retórica;
- f) pela força divina (atuação do Espírito Santo) – ele *“convence...”*.

A Homilética e a eloquência fazem um par perfeito, pois para que um pregador seja eloquente é preciso que ele saiba se comunicar. *“A eloquência é o aferidor, a pedra de toque da Retórica. Sem eloquência não há Retórica”*.

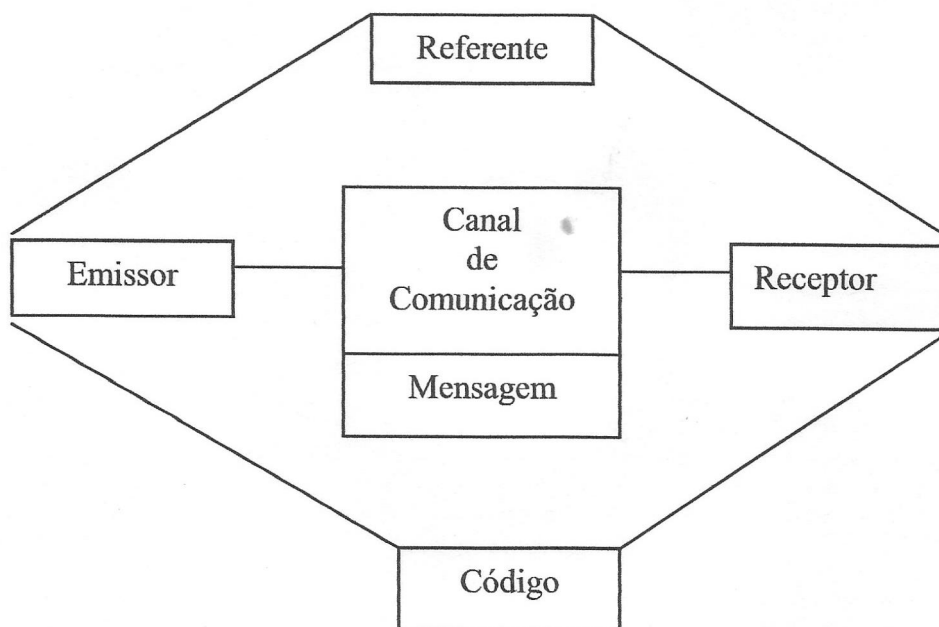
---

<sup>2</sup> CÍCERO, Marco Tulio. Dos deveres. São Paulo: Martin Claret, p.36.

#### 4. ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

Falar é uma faculdade comum a quase todas as pessoas, mas o simples ato de falar não lhes facultava uma comunicação verbal eficiente. Todo ato de comunicação constitui um processo que tem por objetivo a transmissão de uma mensagem e, como todo processo, apresenta alguns elementos fundamentais. Deve haver um objeto de comunicação (mensagem) com um conteúdo (referente), transmitido ao receptor por um emissor, por meio de um canal, com seu próprio código.

No processo de comunicação temos, esquematicamente:



**Emissor** ou **destinador** é aquele que transmite a mensagem (exemplo, o pregador do evangelho).

**Receptor** ou **destinatário** é aquele que recebe a mensagem (o ouvinte da Palavra de Deus, por exemplo).

**Mensagem** é tudo aquilo que o emissor transmite ao receptor; é o objeto da comunicação.

**Canal** ou **contato** é o meio físico, o veículo por meio do qual a mensagem é levada do emissor ao receptor. Em geral, as mensagens circulam através de dois principais meios:

- Meios sonoros: ondas sonoras, voz, ouvido.
- Meios visuais: excitação luminosa, percepção da retina.

Se for transmitida através de um meio sonoro, utilizam sons, palavras, músicas. Se a transmissão for feita por meios visuais, empregam-se as imagens (desenhos, fotografias) ou símbolos (a escrita ortográfica).

**Código** é um conjunto de signos e suas regras de comunicação. O signo é composto de um significante (imagem) e um significado (conceito), sendo estudado pela Semiologia. Cada tipo de comunicação possui códigos próprios, específicos a cada situação comunicativa.

**Referente** é o assunto da comunicação, o conteúdo da mensagem.

Qualquer falha no sistema de comunicação impedirá a perfeita captação da mensagem. Ao obstáculo que fecha o circuito de comunicação costuma-se denominar **ruído**. Este poderá ser provocado pelo emissor, pelo receptor e pelo canal.



Por exemplo, um missionário que tem por língua materna o português é convidado a ministrar a Palavra nos EUA. Ocorre que alguns de seus ouvintes dominam perfeitamente o português, outros dominam relativamente e o restante não conhece esse idioma. Os que dominam plenamente o português (o código) compreenderão as palavras do conferencista; portanto, a comunicação será plena. Para aqueles que conhecem relativamente o código, a comunicação será parcial. Os que não conhecem a língua, obviamente, não participarão do processo de comunicação. O mesmo ocorre dentro da igreja; se o português for muito complexo (como na linguagem jurídica), a comunicação não se realizará, pois haverá ruído em relação ao referente, ao conteúdo ou ao assunto da comunicação.

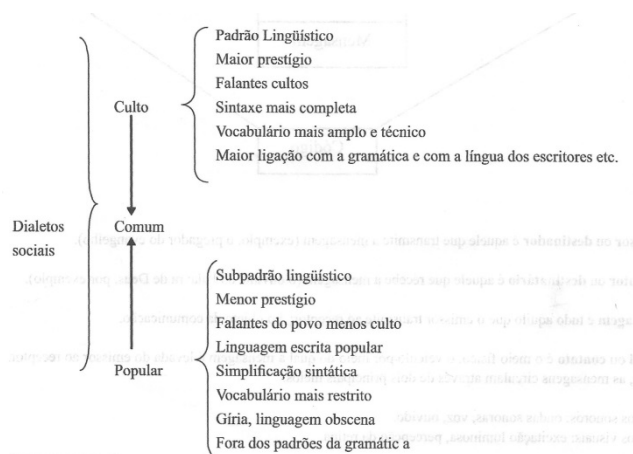
## 5. NÍVEIS DE LINGUAGEM

O ser humano é dotado de cinco sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato), que são os canais de entrada das informações que serão processadas no cérebro. Daí os estudiosos do assunto dizerem “*o corpo fala*”, pois por meio desses sentidos podemos expressar vários sentimentos. Os ouvintes, como receptores do sermão, sentem a mensagem não somente pelo que escutam, mas também pelo que veem. Sendo assim, existe uma sincronia harmonizada entre o que se fala e o que se expressa com o corpo, durante a exposição do sermão.

O pregador deve conhecer seus ouvintes de antemão, para que sua mensagem surta o efeito desejado. Um grande pregador é aquele que sabe ser profundo sem ser confuso; simples sem parecer simplista; acessível sem ser superficial. Ter a capacidade de fazer com que as Escrituras pareçam simples, ao ouvido de quem tem o raciocínio simples, e profundas ao ouvido de quem tem o raciocínio exigente. Deve pensar como pensam os poetas, mas com a exatidão dos cientistas. Ter a criatividade dos tribunos das oratórias. Ter a língua inflamada como tinham os profetas, e saber falar ao coração do povo nas mais diferentes necessidades como fazia Jesus.

Devemos ter em mente que o bom pregador não é o que fala bonito, com termos floreados, cheio de adjetivos, mas sim o que consegue fazer com que seus ouvintes entendam que os princípios eternos das Escrituras são exequíveis e pertinentes nos dias de hoje aos ouvintes.

A eficiência do ato de comunicação depende, entre outros requisitos, do uso adequado do nível de linguagem, essencial para qualquer emissor da Palavra de Deus. Vários autores estabeleceram a classificação dos dialetos, levando em conta os fatores socioculturais; dentre eles destacamos Dino Preti<sup>3</sup>, que apresenta o seguinte esquema:



<sup>3</sup> PRETI, Dino. Sociolinguística: Os Meios de Fala. Um Estudo Sociolinguístico na Literatura Brasileira, 4ª edição, São Paulo, Nacional, 1982, p. 32.

## 6. EXPOSIÇÃO DO SERMÃO

Espera-se que um grande mestre possua igualmente um grande método. O método é tão importante, e contribui tanto para elucidação da verdade, que geralmente atribuímos o sucesso de um mestre ao que costumamos chamar “o modo de apresentar as coisas”.

O método do Senhor Jesus merece toda atenção. Não podemos esperar conhecê-lo inteiramente, nem descobrir todas as suas razões de ser, mas o que conseguirmos será, sem dúvida, muito instrutivo. O ensino do Senhor Jesus, quanto ao método, não era nem científico, nem sistemático. É fácil verificar isso, comparando-se seu modo de ensinar com uma confissão de fé, os artigos de uma religião ou uma teologia sistemática. Em contraste com essas fórmulas, seu ensino era ocasional. Decorria de uma oportunidade ou de uma necessidade que surgisse. Tinha, portanto, um caráter extemporâneo.

Junto com esse caráter ocasional do ensino do Senhor Jesus, devemos alinhar ao elemento do seu método a invariável adaptação aos ouvintes. A falta dessa qualidade talvez explique a frequente falha de muita pregação. Não se dá isso na pregação do Senhor Jesus. Conquanto seu ensino tivesse um sentido universal, era adaptado aos judeus, e aos judeus do seu tempo. É expressamente destinado a eles, por exemplo, um dito como este: “*Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus*” (Mateus 5.20).

Em harmonia com isso, o ensino do Senhor Jesus era simples quanto à linguagem, mas profundo quanto à significação. O Senhor Jesus unia a simplicidade popular à riqueza do significado. Desta sorte, a adaptação às grandes inteligências e o acesso ao povo simples se realizavam de maneira admirável.

Todos lembramos do modo como o Senhor Jesus aproveitava os fatos comuns da vida, coisas que nunca seriam esquecidas nem mal compreendidas, como por exemplo, as expressões populares de censura (raca, tolo). Ocorre-nos logo à lembrança que suas parábolas são únicas em toda a literatura, entretanto, comparações breves, com traços figurativos e alegóricos, continuamente aparecem dando vigor ao que Ele diz, e tornando imperecíveis as suas palavras. É assim que os objetos mais comuns, e as ocupações mais simples, servem a fins espirituais: as aves dos céus, os lírios dos campos, o pastor e a ovelha, a lâmpada no velador ou a galinha com os pintinhos debaixo de suas asas.

Outro aspecto do método do Senhor Jesus é que Ele muitas vezes o apresenta numa forma intencionalmente surpreendente, paradoxal e aparentemente impraticável. Quão surpreendente foi o Sermão da Montanha ao declarar: “*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus*” (Mateus 5.3-10). Estas palavras eram particularmente surpreendentes para os judeus, os quais julgavam que a riqueza fosse um sinal do favor divino.

Igualmente, quão paradoxais expressões semelhantes a estas: “*Os sãos não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores ao arrependimento*” (Marcos 2.17); “*porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á*” (Mateus 16.25); “*se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*” (Lucas 14.26). E quão

impraticável ainda não parece ser esta regra: “*Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus*” (Mateus 5.48).

A grande dificuldade que o Senhor enfrentou com tais ouvintes era que eles tinham que desaprender. Tinham que aprender e desaprender ao mesmo tempo. A forma imprevista e paradoxal do ensino do Senhor convinha admiravelmente a este propósito. Velhas crenças eram abaladas, ninguém podia afirmar que já conhecia o que Ele pregava; as mentes eram despertadas, e todos eram obrigados a examinar os problemas focalizados.

O propósito do Senhor Jesus, está claro, é despertar nossa reflexão moral para as grandes e inesperadas mudanças que a outra vida certamente determinará. As Palavras do Senhor Jesus, quanto mais meditadas, usadas e comparadas com qualquer outra sabedoria, se demonstram únicas na grandeza do seu valor e autoridade.

## **7. ESTRUTURA DO SERMÃO**

Alguém vai estranhar esta afirmação, mas a mensagem precede o sermão. O sermão é apenas a sistematização da mensagem. Eu tenho uma mensagem para transmitir. O sermão me orientará como transmiti-la. A mensagem é o conteúdo. O sermão é a forma. A mensagem é o quê. O sermão é o como.

Uma mensagem pode ser transmitida através de diferentes sermões, até mesmo através de tipos diferentes de sermões. Você não entrega uma mensagem porque tem um sermão pronto. Você prepara um sermão porque tem uma mensagem a ser entregue. Conhecer a estrutura e os tipos de sermão possibilita um melhor conhecimento das formas de transmissão da mensagem, tornando mais eficaz a sua exposição.

Como um texto qualquer, a nossa mensagem deve ter começo, meio e fim. Não pode ser um emaranhado de dizeres, sem ligação lógica um com o outro. Leia uma das parábolas de Jesus do fim para o início e compreenderá a importância de transmitir uma mensagem inteligível. Muitas mensagens se parecem com o livro de Provérbios, no qual as coisas vão sendo ditas e repetidas sem qualquer conexão uma com a outra. O livro de Provérbios não é um sermão. Se, porém, verificarmos o livro de Atos, vamos entender a necessidade de certa ordem e coerência entre as afirmações. Isto é um sermão.

O sermão é uma peça literária composta, normalmente, de oito partes: o título, o texto, o tema, a introdução, a tese, a argumentação ou assunto, a conclusão e o apelo. Vejamos a importância de cada uma delas.

### **7.1 TÍTULO**

O termo ‘*título*’ vem do grego *titlos*. É a primeira parte do sermão e serve para chamar a atenção e atrair as pessoas. O pregador nunca deve usar títulos extravagantes ou negativos, mas sim sugestivos, para que possa despertar a atenção e a curiosidade dos ouvintes.

### **7.2 TEMA**

É a ideia central e precisa do assunto a ser explanado. É a segunda parte do sermão e vem depois do título. Oriundo da raiz grega ‘*thema*’ (do verbo *tithemi*, ponho, guardo, coloco, deposito), significa algo que está dentro, guardado, depositado.

### **7.3 TEXTO**

Em seu uso comum, texto é tudo aquilo que está escrito. Na Homilética, texto é a porção bíblica que se toma como fundamento de um sermão. De acordo com Severino

Pedro<sup>4</sup>, dependendo da natureza do sermão “o texto pode sofrer alteração no uso da pronúncia”:

- a) Sermão textual (o texto)
- b) Sermão expositivo (a porção)
- c) Sermão temático (a passagem)
- d) Sermão ilativo (uma inferência)
- e) Sermão extemporâneo (uma palavra)
- f) Sermão para ocasiões específicas (uma frase).

#### 7.4 INTRODUÇÃO

É a maneira como você vai começar sua mensagem. Torna-se muito importante, pois se você não conseguir prender a atenção das pessoas no começo, será mais difícil fazê-lo no meio da pregação. Há vários modos de iniciar. O ideal é utilizar meios diferentes em cada ocasião ou usar vários ao mesmo tempo. O importante é capturar a atenção dos ouvintes.

#### 7.5 TESE

É o assunto que vai ser discutido ou asserção que vai ser defendida. A tese, como uma declaração, pode ser afirmativa, negativa ou interrogativa.

#### 7.6 ARGUMENTAÇÃO OU ASSUNTO

É a parte mais extensa do sermão, pois é nela que o pregador expõe os resultados da pesquisa e discute as hipóteses, a fim de validar seus argumentos. Na Homilética, essa parte é a mais importante do sermão, pois é ela que lhe dá conteúdo e a razão de ser do próprio sermão.

#### 7.7 CONCLUSÃO

A conclusão é o desfecho final do sermão. Você pode concluir de quatro modos pelo menos:

*Recapitulação:* Ou seja, lembrar resumidamente tudo aquilo que foi exposto. Principalmente em sermões com forte carga didática, é uma boa forma de fixar as verdades apresentadas nas mentes das pessoas;

*Desafio:* Desafiar seus ouvintes a aplicarem o conteúdo do sermão às suas vidas, e isso não somente no caso dos sermões evangelísticos, cuja finalidade é levar as pessoas a uma decisão por Cristo. No caso dos sermões exortativos também é válido um desafio para mudança de vida. Chamar as pessoas que querem vir à frente para uma mudança nas atitudes pode ter um grande efeito;

*Questionamento:* Levar seus ouvintes a refletirem se suas vidas estão de acordo com a mensagem. Deixe-as voltar para casa perguntando se estão vivendo o que ouviram. Isso tem muito a ver com a ilustração do espelho feita por Tiago. As pessoas precisam ter a chance de se ajustarem à palavra que ouviram;

*Ilustração:* Você pode terminar contando um testemunho ou história que ilustra da melhor maneira possível tudo o que foi dito. Um testemunho forte muitas vezes é a melhor forma de fixar uma verdade. Lembre-se de que não pregamos apenas às mentes das pessoas, mas ao seu coração, seus sentimentos, sua vontade.

---

<sup>4</sup> SILVA, Severino Pedro da. Homilética. 15. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 43.

## 7.8 CONVITE OU APELO

A aplicação do sermão é um dos elementos mais importantes do discurso. O apelo faz com que o ouvinte se decida negativa ou positivamente sobre o sermão que ouviu. *“Enquanto que a conclusão é um convite à mente, à inteligência, para que a pessoa se decida subjetivamente, o apelo é um convite à personalidade integral da pessoa, para que se decida objetivamente e publicamente”*.<sup>5</sup>

## 7.9 DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Um cuidado importante a ser tomado pelo pregador diz respeito ao tempo. Apresentamos aqui uma sugestão quanto à distribuição do tempo na ministração da Palavra de Deus.

**INTRODUÇÃO DO SERMÃO** – devem ser utilizados de 3 a 6 minutos para cumprimentar os ouvintes, despertar o interesse e propor o assunto.

**ASSUNTO** – deve ocupar a maior parte do tempo proposto, sendo de 60% a 80% do tempo total. Neste período faz-se a argumentação, valendo-se de assuntos paralelos, bem como se neutraliza as ideias contrárias (refutação).

**CONCLUSÃO** – 10% do tempo total do discurso para recapitular o que fora tratado, fazer o convite e agradecimentos.

## 8. TIPOS DE SERMÃO

Há muitas maneiras de classificar os sermões bíblicos. Dentre os métodos propostos, o menos complicado e o mais prático de todos é aquele que divide os sermões em três tipos: Temáticos, Textuais e Expositivos. A escolha de um deles está ligada ao tipo de mensagem que queremos transmitir, ou até mesmo a forma como recebemos a mensagem a ser pregada. Não esqueçamos, porém, que não se trata de uma estrutura inflexível. Muitos elementos são comuns aos três tipos. Vejamos cada um deles com mais particularidade.

### 8.1 SERMÃO TEMÁTICO

Como o próprio nome diz, esta mensagem está ligada a um tema, um assunto, mais do que a um texto. Muitas vezes nossa pregação não se baseará em um texto específico. Imagine que você orou a Deus e Ele orientou-o a pregar sobre a humildade, ou você percebeu que há muito orgulho que precisa ser cobrado. Você não recebeu nenhuma passagem específica das Escrituras, mas sabe sobre qual tema deverá falar. Portanto, o Sermão Temático *“é aquele cujas divisões principais derivam do tema, independente do texto”*.<sup>6</sup>

Tenha consciência de que neste caso você poderá pregar sobre um ou vários versículos diferentes, dependendo da maneira como vai desenvolver seu sermão. A partir daí você precisa:

- Meditar sobre o tema humildade e orgulho;
- Procurar nas Escrituras, com uma Chave Bíblica, textos ligados ao assunto;
- Escolher o versículo ou versículos ligados ao tema;
- Criar o Esboço.

---

<sup>5</sup> SILVA, Plínio Moreira da. Homilética – A Eloquência da Pregação, Paraná, A. D. Santos, 2004, p. 77.

<sup>6</sup> BRAGA, James. Como preparar mensagens bíblicas. 13. ed. São Paulo: Vida, 2000, p. 17.

### 8.1.1 EXEMPLO DE UM SERMÃO TEMÁTICO

A fim de compreendermos com maior clareza a definição, vejamos um modelo de sermão temático.

Tema: As quatro bênçãos do humilde.

Texto-base: Tiago 4.6.

1. O humilde receberá graça (Tiago 4.6);
2. O humilde será exaltado (Lucas 14.11);
3. O humilde é semelhante a Jesus (Mateus 11.18);
4. O humilde é sábio.

Cada um desses tópicos pode ou não ser acompanhado de um versículo respectivo. Você até pode pedir para ser lido cada um desses versículos ou pode apenas lê-los. Mas lembre-se de que se você tiver que ficar parando constantemente para achar versículos junto com a igreja, sua mensagem pode tornar-se cansativa e monótona.

Dentro de um tema você pode fazer diferentes pregações, abordando variados pontos dentro dele. Qualquer pregador sabe que as possibilidades Homiléticas de um tema ou texto são infindáveis, pois pensamentos inéditos podem ser extraídos de passagens muito conhecidas.

Para ser preparado, o sermão temático exige um conhecimento panorâmico das Escrituras, pois não basta conhecer uma única passagem sobre o assunto. É preciso explorar na Bíblia as diversas passagens e textos que sirvam para embasar aquilo que você vai dizer. Se conhecer tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, você poderá facilmente lembrar-se de citações e ilustrações que o ajudarão a desenvolver o Sermão Temático.

### 8.1.2 DIVISÃO DOS TÓPICOS

A divisão dos tópicos não obedece a regras fixas, depende de sua imaginação. Entretanto, as divisões principais devem vir em ordem lógica ou cronológica.

I – No exemplo anterior a base para a divisão foi a palavra “humildade”, e de acordo com o conteúdo de cada versículo (encontrados com ajuda de Chave Bíblica), algumas facetas da humildade foram expostas.

II – Imaginemos que estamos falando sobre o azeite, símbolo do Espírito Santo. As utilidades do azeite podem ser utilizadas como divisão dos nossos tópicos:

1. Era usado para iluminar;
2. Era usado para as enfermidades;
3. Era usado como alimento;
4. Era guardado em vasos;
5. Era usado para consagrar.

III – Uma palavra que se repete em um livro ou em um trecho da Bíblia também pode ser usada como divisão.

Por exemplo, imaginemos uma mensagem com o título “As três portas de Deus” baseada nos capítulos 3 e 4 de Apocalipse.

1. A porta aberta para a igreja (Apocalipse 3.8);
2. A porta aberta no coração (Apocalipse 3.20);
3. A porta aberta no céu (Apocalipse 4.1).

Veja na Carta aos Hebreus quantas vezes aparece a palavra “melhor”, e teremos um ótimo sermão temático.

IV – A vida de um personagem bíblico ou evento (como a Páscoa, por exemplo) também podem ser usado para a divisão de um sermão. Vejamos sobre Pedro:

1. Pedro era um homem de renúncia;
2. Pedro era um homem de ímpeto;
3. Pedro era um homem compassivo;
4. Pedro era um homem humilde.

Não se esqueça de que em esboços como este você não pode fazer declarações gratuitas sem ter embasamento bíblico. Pedro era um homem de renúncia. Como você prova isso? Porque ele deixou seu pai e o barco para seguir Jesus. Pedro era um homem de ímpeto. Como você prova isso? Porque ele cortou a orelha de Malco, servo do sumo sacerdote, quando foram prender Jesus. E assim por diante. Você não está apenas fazendo declarações, mas tem citações e passagens bíblicas que comprovam suas afirmações.

Estes são apenas modelos; outras formas de divisão podem ser elaboradas. A maior característica deste tipo de mensagem é sua amplitude escriturística, que permite uma viagem através das Escrituras em busca de focos diferentes para o mesmo tema.

## 8.2 SERMÃO TEXTUAL

Como o próprio nome diz, o Sermão Textual está ligado a um texto, mais do que a um tema ou assunto, e geralmente a um texto curto, pois, como veremos, a pregação sobre um texto longo transforma-se em Sermão Expositivo. No Temático temos um tema e saímos à procura de um texto. No Textual temos um texto e dele extraímos seu tema.

Neste caso o que temos em mãos é uma determinada passagem bíblica (um versículo ou dois no máximo), que será a matéria-prima de nossa mensagem. Dentro do Sermão Textual temos três classificações:

- a) Sermão Textual Sintético – é aquele que sintetiza o assunto apresentado no texto;
- b) Sermão Textual Analítico – é aquele que analisa o assunto do texto com mais profundidade, é muito confundido com o sermão expositivo;
- c) Sermão Textual Natural – é aquele que o próprio texto já oferece as divisões.

Sugerimos alguns conselhos com respeito a este tipo de sermão:

- Leia com atenção seu texto e relacione tudo o que pode ser dito a respeito dele. No Sermão Textual cada palavra é importante. Neste aspecto também é importante atentar para a tradução que está utilizando. Se os seus ouvintes usarem outra tradução, e você discursar sobre uma palavra que não se encontra no texto utilizado por eles, sua mensagem vai parecer confusa. Hoje temos uma grande quantidade de traduções e isso pode gerar algumas dificuldades. É importante observar outras traduções para verificar se estão de acordo com a sua. Conhecendo o termo ou expressão utilizada em outras traduções, você pode fazer alusão a elas e evitar confusões.

- Procure nas referências textos paralelos que podem ajudá-lo em sua compreensão. Estes, porém, não precisam ser citados. Alguns livros como Reis e Crônicas, os Evangelhos Sinóticos e as epístolas da prisão (principalmente Efésios e Colossenses) apresentam os mesmos assuntos, às vezes com detalhes e palavras diferentes, que na hora de uma exposição vão enriquecer a mensagem. Mesmo não se tratando desses livros similares, passagens que tratam dos mesmos assuntos podem ser muito úteis.

- Forme o esboço sem sair do texto. Seu texto é aquele que você escolheu; pode até citar outros que se relacionem com ele, usar outras passagens que o ilustrem ou reforcem, mas aquele é o seu texto. Fica muito confuso ler João 3.16 e citar João 14.6 o tempo todo.

• Muito cuidado, pois é justamente aqui que alguns pregadores citam o texto, saem do texto e não voltam nunca mais para ele. O texto vira pretexto. Sermão textual não é sermão temático. Se seu propósito é expor e discorrer sobre uma passagem bíblica, ela tem que ser fixada na mente de seus ouvintes. Fixar a importância da oração é uma coisa. Fixar o texto “*orai sem cessar*” é outra coisa. Pode ser parecido, mas nas mensagens bem-transmitidas a distinção é importante.

#### 8.2.1 O PRÓPRIO TEXTO FORNECE AS DIVISÕES

É valioso saber que muitos versículos já vêm quase prontos para o Sermão Textual. O número de afirmações é a própria divisão da mensagem. Por exemplo, lendo Romanos 12.12 temos automaticamente uma divisão:

- Alegrai-vos na esperança;
- Sede pacientes na tribulação;
- Perseverai na oração.

Pronto. Agora é só intitular, colocar a introdução, os subtópicos e a conclusão. Seu esboço está pronto. Isso não significa que obrigatoriamente você tenha que pregar sobre os três tópicos. Se sua mensagem for sobre a perseverança na oração, você pode construir seu sermão textual apenas sobre a parte “c” do versículo e daí enumerar os tópicos. De qualquer forma, você possui três ideias núcleo dentro do versículo, que facilitam sua exposição. Este não é um versículo de exceção. Existem muitos outros que possuem a mesma estrutura, ou estrutura semelhante, que podem com facilidade ser transformados num sermão textual.

#### 8.2.2 A REPETIÇÃO DO VERSÍCULO

Versículos curtos podem ser transformados em refrão para os tópicos de nossa mensagem. Um versículo como João 11.35, que diz apenas que Jesus chorou, pode ser dividido utilizando a frase como base, por exemplo:

1. Jesus chorou e chora pelos perdidos;
2. Jesus chorou e chora pelos que voltam atrás;
3. Jesus chorou e chora pelos endurecidos;
4. Jesus chorou e chora pela perda do primeiro amor.

#### 8.2.3 CADA PALAVRA PODE SER UM TÓPICO

Tomando uma passagem conhecida como Filipenses 4.13, cada palavra pode tornar-se a divisão do sermão, por exemplo:

1. Eu posso – Não transfiro responsabilidades;
2. Todas as coisas – Não há limites quando não há desculpas;
3. Em Cristo – A garantia é sua presença;
4. Que me Fortalece – Não na minha força, mas na dele.

Em um caso como este, a ordem deve sempre seguir a ordem das palavras, ou seja, o tópico quatro deve ser o último, porque é a última frase.

#### 8.2.4 UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO

De Hebreus 2.3 podemos extrair a expressão “Grande Salvação” para fazer dela a base de nosso sermão, por exemplo:

Tema: “Por que uma tão grande salvação?”

1. Porque é grande o nosso pecado;
2. Porque é grande a nossa aflição;



3. Porque é grande o nosso castigo;
4. Porque é grande o nosso Deus;
5. Porque é grande a nossa esperança.

Vale lembrar que de um mesmo versículo podem ser retiradas pregações diferentes, dependendo da afirmação que estamos enfocando. Deste mesmo versículo poderíamos, utilizando a frase “Como escaparemos nós?”, fazer o seguinte esboço:

1. Como escaparemos nós se não formos sinceros;
2. Como escaparemos nós se não formos fiéis;
3. Como escaparemos nós se não formos perseverantes.

Uma prática muito comum em mensagens textuais é a contínua repetição do texto, junto com a audiência ou não. Isso faz com que a ideia central se fixe na mente dos ouvintes.

### 8.3 SERMÃO EXPOSITIVO

O Sermão Expositivo, embora contenha semelhanças com o textual, geralmente abrange uma porção mais longa da Palavra de Deus. Todo um acontecimento é utilizado na exposição da mensagem, ou mesmo todo um capítulo, ou ainda todo um livro. Segundo o Dr. Karl Lachler<sup>7</sup>, o Sermão Expositivo é “*um discurso bíblico derivado de um texto vernacular independente, a partir do qual o tema é revelado, analisado e explicado, através de seu contexto, sua gramática e sua estrutura literária, cujo tema é infundido pelo Espírito Santo na vida do pregador e do ouvinte*”.

Justamente pela sua abrangência, o Sermão Expositivo é o mais difícil de preparar, mas é o que penetra na alma com mais poder, porque é o que possui maior volume de conteúdo bíblico. Por ser extenso, não podemos esquecer-nos do princípio de centralidade, isto é, independentemente da extensão do texto-base, a mensagem deve ter um centro. Para iniciar seu Sermão Expositivo, dê os seguintes passos:

- Escolha a passagem que será pregada;
- Faça as perguntas: 1) Sobre quem ela fala 2) Sobre o que ela fala (mais de um assunto);
- Transforme cada assunto em um tópico;
- Veja como aplicá-la aos seus ouvintes;
- Preste bastante atenção em palavras que se repetem.

#### 8.3.1 DIVISÕES NATURAIS DA PASSAGEM

Algumas passagens que podem ser usadas no Sermão Expositivo já possuem certa divisão natural, que será transformada em tópicos. Uma mensagem sobre a fé, em Hebreus 11, bem poderia apresentar os seguintes tópicos, conforme cada herói da fé:

1. A fé de Abel (v. 4);
2. A fé de Enoque (v. 5);
3. A fé de Noé (v. 7);
4. A fé de Abraão (v. 8-11).

Uma passagem como a “armadura de Deus”, já nos fornece elementos distintos para a divisão, pois podemos discorrer sobre cada um dos elementos pertencentes à armadura.

1. A roupa da verdade (v. 14);

---

<sup>7</sup> LACHLER, Karl. Prega a Palavra – Passos para a Exposição Bíblica, São Paulo, Vida Nova, 2002, p. 37.

2. A couraça da justiça (v. 14);
3. O calçado (v. 15);
4. O escudo da fé (v. 16);
5. O capacete da salvação (v. 17);
6. A Espada do Espírito (v. 17).

### 8.3.2 VERSATILIDADE

Um exemplo claro da versatilidade deste tipo de sermão pode ser verificado em Apocalipse cap. 2 e 3. Aqui temos sete cartas, que podem, juntas ou separadas, formar um bom material para a nossa mensagem:

1. Éfeso – A Igreja que perdeu o primeiro amor;
2. Esmirna – A Igreja Perseguida;
3. Pérgamo – A Igreja Descuidada;
4. Tiatira – A Igreja Corrompida;
5. Sardes – A Igreja Incompleta;
6. Filadélfia – A Igreja Exaltada;
7. Laodicéia – A Igreja Dividida.

Ou podemos escolher uma única carta e fazer um sermão expositivo sobre o seu conteúdo:

Tema: A Igreja que perdeu o primeiro amor (Apocalipse 2.1-7).

1. Jesus presente na Igreja (v. 1);
2. Jesus conhecendo as boas obras (v. 2, 3, 6);
3. Jesus conhecendo as más obras (v. 4);
4. Jesus advertindo sua Igreja (v. 5);
5. Jesus entregando sua promessa (v. 7).

Para que o sermão seja verdadeiramente expositivo, devemos interpretar ou explicar corretamente as subdivisões, bem como as divisões principais. Desta maneira o pregador cumpre o propósito da exposição, que é derivar da passagem a maior parte do material de seu sermão, e expor seu conteúdo em relação a um único tema.

## 9. ERROS COMUNS NA ATIVIDADE DA PREGAÇÃO

Algumas pessoas dizem: “É errando que se aprende”. Isso pode até conter uma parcela de verdade, mas tratando-se das coisas espirituais não pode haver erro. O melhor mesmo é não cometê-los, seja por imperícia, imprudência ou omissão. A Bíblia diz que os erros dos israelitas nos servem de aviso, para que não venhamos a cometê-los (1Coríntios 10.11).

O pregador deve preparar-se antes de expor o sermão. Se o pregador não estiver disposto a pagar o preço, a congregação pagará. A pregação, de certa maneira, se assemelha a tentar fazer com que a água suba a colina. É preciso haver algo substancial para falar no sermão, senão ele será apenas uma bobagem psicológica sobre a última mania. O que é preciso fazer para que nossos ouvintes tirem o tapa-ouvido? Uma sugestão é sermos menos entediados na pregação.

O que torna uma pregação insípida totalmente indesculpável é que a Palavra de Deus é extraordinariamente interessante. A própria Escritura tem uma variedade inacreditável, entretanto a pregação moderna tem se tornado cada vez menos sistemática, deixando de lado a fulgurante e impressionante enormidade da revelação divina, para lidar com

trivialidades menores. Planejar com antecedência evita que se vá com frequência ao tonel. Todo pregador precisa da disciplina da preparação. A seguir temos alguns pontos para os quais todo pregador deve atentar com cuidado, avaliar a si mesmo e alterar seus hábitos.

### 9.1 NÃO SE PREPARAR PARA A MENSAGEM

*“Preparado está meu coração, ó Deus, preparado está o meu coração...”* (Salmo 57.7).

Um pastor resolveu que não mais faria esboços, pregaria só “pelo Espírito”. Seu superior assistiu até metade de sua pregação e depois foi embora. Ao terminar a pregação, voltou para seu gabinete e viu um bilhete: *“Se você está com dificuldades em pregar, tudo bem. Mas, por favor, não ponha a culpa no Espírito Santo”*.

Há pregadores que não fazem qualquer preparação para entregar a mensagem. Abrem aleatoriamente em uma página das Escrituras, leem-na e falam o que vem na cabeça. Embora isso possa parecer espiritual e alguma vezes resulte em uma boa mensagem, a maioria das vezes a pregação se torna confusa e sem sentido. Nem todos têm capacidade de improvisar alguma coisa. Não é este o significado real de “pregar no Espírito”.

O pregador deve ter sua mente instruída na Palavra de Deus e no saber humano, pois irá falar aos homens. A preparação espiritual é vital para o pregador e seu sermão. A palavra que sai de um coração abrasado, após ter estado na presença do Senhor, vai até o coração do ouvinte, mas o que flui apenas da intelectualidade humana só vai até a mente do ouvinte.

### 9.2 MENSAGEM SEM UM CENTRO

*“Pois nada me propus saber entre vocês, senão a Jesus Cristo, e este crucificado”* (1Coríntios 2.2).

Há pregadores que leem o texto, saem do texto e nunca mais voltam para o texto. O que pregam não tem nada a ver com a passagem lida. Como resultado, na maioria das vezes, seus ouvintes não gravam a mensagem. Podem até se alegrar na hora, mas não foram “moldados” pela Palavra. Falam a respeito de muitas coisas e no final não falaram sobre nada. A mensagem tem que ter um centro. Uma pregação pode até abranger vários assuntos, mas estarão interligados sob um mesmo alvo.

No livro de João, por exemplo, temos diversos sermões de Cristo. Temos um sobre o pão da vida no capítulo 6, sobre a luz do mundo no capítulo 8, sobre o bom pastor no capítulo 9. As mensagens giram sobre um tema.

Mateus reúne as mensagens de Jesus em tópicos. A moral cristã está reunida no Sermão do Monte (5-6); o capítulo 10 tem como tema missões; o capítulo 22 é um sermão dirigido aos fariseus e doutores da lei; temos o sermão profético nos capítulos 24 e 25. Dessa forma é fácil localizar e absorver as mensagens.

O centro pode ser uma passagem longa da qual são extraídas diversas lições ou uma passagem curta de onde será tirado o assunto a ser exposto.

### 9.3 MENSAGEM MUITO LONGA

*“E, estando um certo jovem, por nome Êutico, assentado numa janela, caiu do terceiro andar, tomado de um sono profundo que lhe sobreveio durante o extenso discurso de Paulo; e foi levantado morto”* (Atos 20.9).

Não podemos cansar a igreja, não é este o objetivo da mensagem. A duração ideal de uma mensagem é de 20 a 40 minutos. Além disso, é difícil prender a atenção dos ouvintes. Claro que isso é uma média geral. Não significa que vamos ser escravos do relógio ou que

em muitas ocasiões será bom e necessário prolongar-se. Você precisa ser um pregador muito eloquente para avançar mais do que isso.

Quando começamos a ser repetitivos, a soltar frases sem nexos, é porque está no momento de parar. Claro que algumas vezes esse tempo médio é excedido e com muito sucesso, o que é facilmente percebido pelo entusiasmo com que a mensagem está sendo recebida. Mesmo assim, chega um dado momento em que os sensatos pregadores e as melhores mensagens não estão sendo absorvidos pelos ouvintes. O melhor é parar, pois será muito mais proveitoso. Falar muito não é sinônimo de ter muito para dizer.

#### 9.4 DESRESPEITAR HORÁRIOS

*“E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e prolongou a prática até à meia-noite” (Atos 20.7).*

Quantas vezes ouvimos pregadores dizendo: “e para terminar...”, e nunca terminam. Se o sermão se prolongar demais, os adoradores irão deixar o ambiente de adoração em condição pior do que quando chegaram, isto é, zangados! A recomendação é que se pare de pregar antes que as pessoas parem de ouvir.

#### 9.5 MAIS ALGUNS CUIDADOS QUANDO PREGAR

- Não fale baixo demais ou de forma desanimada. Nada pior do que uma pessoa desanimada fazendo uma pregação. Lembre-se de que uma pregação não é um estudo. A pregação contém o elemento exortativo. Isso a distingue de uma mera palestra ou discurso. Ela normalmente tem momentos em que os ouvintes são desafiados e exortados em uma determinada direção.

- Não faça movimentos bruscos e agressivos, como socos no púlpito e batidas no pé. Essas expressões nem sempre serão entendidas como algo agradável. São sinais de imaturidade que não produzem edificação. Podem inclusive expressar um mau testemunho.

- Não fique olhando para uma única pessoa. É um erro de iniciantes. O ideal é olhar para o fundo, acima de todos. Isso dá a impressão de estar olhando para todos ao mesmo tempo.

- Não fique com a cabeça baixa. Isso é timidez. Embora alguns pregadores sejam tímidos, eles devem procurar vencer tal deficiência, pois os ouvintes estão ali para receber uma palavra que há de abençoar suas vidas de várias formas. Não deve ser pregada com insegurança.

- Não fique falando de si mesmo, a menos que seja edificante. Alguns pregadores fazem da pregação um currículo verbal. Os ouvintes se ressentem quando tudo que escutam são “eu, eu, eu, eu...”. Não que você não se possa falar de si, mas faça-o com reserva, pois em vez de produzir respeito, produz despeito.

- Não use termos grosseiros. Não faça uso de palavras que possam soar ofensivas aos ouvintes, pois isso seria absurdo. Em certo lugar um pregador repetiu constantemente em sua mensagem a palavra “desgraça”. Naquela comunidade essa era uma palavra proibida, logo, todos ficaram escandalizados. O vocabulário ideal é aquele que alcança todo o auditório, e embora simples traduz as ideias claramente, sem divagações.

- Corrija os vícios de fala (repetições) “né”, “realmente” são algumas expressões que são repetidas sem se perceber. Peça para alguém avaliar sua pregação. Não se aborreça com as críticas, pois elas o ajudarão a se aperfeiçoar e crescer.

- Cuide da correção gramatical. A eficiência do ato de comunicação depende, entre outros requisitos, do uso adequado do nível de linguagem, essencial para qualquer emissor da Palavra de Deus. Todos nós conhecemos pregadores abençoados cuja deficiência no português é patente.

Sendo o vocabulário a expressão da personalidade do homem e de seus conhecimentos linguísticos, é de capital importância, ao usuário de uma língua, o enriquecimento continuado de seu inventário vocabular, facilitando assim sua tarefa comunicativa, principalmente redacional, por ampliar o leque para a escolha da palavra mais adequada.

- Seja você mesmo, não imite o estilo de ninguém. É comum pregadores iniciantes procurarem imitar seus pregadores preferidos. Você tem sua própria personalidade, e com o tempo desenvolverá seu próprio estilo. Nele você será bem mais natural e eficaz.

- Não eleve a voz a ponto de ficar incompreensível. Grito não é unção; brado não é autoridade. Não adianta querer ganhar no grito o que falta em unção e autoridade. Seja moderado; algumas vezes será de bom tom elevar a voz para destacar um fato ou mesmo por se tratar de exortação. Exageros, porém, só podem ser prejudiciais.

Bibliografia:

Texto adaptado do Módulo 5 do Curso de Teologia da Faculdade Teológica Betesda.